

ESTUDO PRELIMINAR DA COMPETÊNCIA 4 DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E COGNIÇÃO

Adriana Pereira Santana (UEMS, Semed-CG e Uniderp)
profdrica@yahoo.com.br

Adriano da Fonseca Melo (UEMS, Semed-CG e Uniderp)
adriano060569@yahoo.com.br

Daisy Aparecida Parron Molina (UEMS, Semed-CG e Uniderp)
daisyparron@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Com o advento da homologação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC em dezembro de 2017, novas competências gerais foram diretrizes para o ensino no Brasil. O presente artigo focará no aspecto cognitivo, da competência geral 4, a qual versa sobre utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo, com o objetivo de analisar o uso da linguagem como competência a ser desenvolvida em todas as áreas do conhecimento, presentes na BNCC. Como aportes teóricos, os discursos foram ancorados em Nussbaum (2001, Bannell *et al.*, 2016), intencionando analisar a função da emoção no processo cognitivo, e em Harré e Gillett (1994, Bannell *et al.*, 2016) com relação à necessidade do engajamento do aluno com o outro, em atividades práticas e comunicativas, no intuito de constituir formas de vida em que a linguagem é ensinada e aprendida. Com relação à aprendizagem como um resultado do processo cognitivo, buscou-se em Pais (2002) as diferenças entre informação, conhecimento e saber, bem como a importância de o aluno estar engajado em atividades nas quais possa construir suas concepções sobre o conhecimento e se aproximar dos saberes sistematizado pela sociedade. Finalmente, revisitou-se Delors *et al.* (1996), para compreender a relação dos quatro pilares na constituição da estrutura cognitiva. A partir das leituras realizadas, constatou-se que há um grande trabalho a ser realizado até o ano de 2020, no tocante ao uso da linguagem em todas as áreas do conhecimento, quando, efetivamente, todos os sistemas educacionais colocarão em prática as diretrizes presentes na Base Nacional Comum Curricular.

Palavras-chave:

BNCC. Cognição. Conhecimento. Competência. Linguagem.

1. Introdução

O advento do conhecimento forjou o ser humano ao provocar a mo-

bilização de elementos próprios da sua personalidade, mas acima de tudo a curiosidade em descobrir como dominar a natureza, e seus elementos. No filme “2001: uma Odisseia no Espaço”, de Stanley Kubrick, temos a representação do ser em evolução que, a partir da observação busca estabelecer condições mais favoráveis ao seu viver. A título de exemplo, podemos citar o domínio do fogo que, inicialmente, é tido como uma forma de defesa, garantindo assim a sua segurança e de seu território, o que levou outros da espécie a buscar proteção junto a esse que demonstra o poder sobre o “divino”. A aproximação leva a novas necessidades, as quais quando solucionadas definem as características do grupo, tanto na comunicação quanto no registro cultural.

O ato de comunicar-se externa em várias situações a construção do conhecimento produzido pelo emitente da informação, desse modo, o estabelecer signos para comunicar dentro de um grupo configura uma identidade do sujeito. Além de ser uma identidade, expressa a construção de um conhecimento, que existe pela interação com outros membros do grupo e da mobilização de outros conhecimentos anteriormente formalizado por ações no seu cotidiano.

Assim, este artigo busca analisar o uso da linguagem como uma competência a ser desenvolvida em todas as áreas do conhecimento presentes na Base Nacional Comum Curricular/BNCC.

A Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/1996 já defendia a instituição de uma base nacional comum que nortearia o sistema educacional brasileiro, cuja intenção é garantir que todos os alunos de norte a sul e de leste a oeste tenham garantido seus direitos de aprendizagem a um conhecimento considerado necessário.

Dentro dessa intencionalidade está a preocupação em formar um sujeito capaz de gestar sua própria aprendizagem, o que é consoante com vários documentos publicados na época, dentre eles o “Um Tesouro a Descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI”.

Delors *et al.* (1996), realizou estudos a pedido da UNESCO sobre quais parâmetros a educação deveria nortear para propiciar uma educação integral do aprendente que acessa a escola, com o intuito de vivenciar novos conhecimentos para dominar e assim modificar seu cotidiano. Nesse relatório encontramos os quatro pilares da educação (aprender a conhecer,

aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser), os quais gradativamente foram assumidos pelos sistemas. Esses quatro pilares devem pautar os documentos das redes e oferecer uma educação formadora do sujeito na sua integralidade.

Os sistemas educacionais, ao adotarem os quatro pilares buscam formar um sujeito cidadão, e conseqüentemente, um profissional capaz de ser “camaleão” perante a evolução do ambiente profissional. Este ambiente busca sempre um sujeito capaz de reaprender continuamente com as ações e que seja capaz de reinventar seu posto de trabalho.

2. Marcos legais e as competências

A preocupação com a formação do sujeito na sua integralidade está presente em vários documentos do sistema educacional, como forma de estabelecer metas para serem alcançadas pelas unidades escolares, pertencentes a cada sistema educacional (Federal, Estadual ou Municipal). Na esfera Federal tivemos os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, o qual traz no seu bojo a preocupação em desenvolver três tipos de competências – cognitivas, procedimentais e atitudinais.

As competências procedimentais visavam a formação de um estudante que desenvolvia suas estratégias de interagir, comunicar e solucionar seus problemas. As competências procedimentais estavam muito mais ligadas a ação do sujeito do que uma competência a ser ensinada, isto quer dizer que o professor precisava pensar em situações metodológicas nas quais os alunos pudessem ser expostos a problemas “legítimos”¹⁰⁶ para exercerem suas prerrogativas de sujeitos curiosos e solucionadores de problemas. As competências procedimentais permeiam as outras competências, constituindo os sistemas cognitivos do aluno.

As competências atitudinais visavam ter um sujeito resiliente, capaz de ter empatia, novamente não são conteúdos a serem ensinados por um professor, mas sim são posturas assumidas pelos alunos e que dependem

¹⁰⁶ Entendemos como um problema legítimo situações nas quais os alunos desconhecem de início o que o professor espera como um produto final. Nota-se que muitas vezes o professor define, exemplifica e passa uma atividade chamando de “problema” que na realidade é apenas um reinvestimento de conhecimentos.

muito mais deles do que do professor, o que acaba por favorecer o trabalho em equipe.

Essas duas competências configuraram um grande desafio para o professor, visto que ele é nativo de uma cultura escolar na qual o modelo de atividade era disseminado pelo livro; e isso não permitia que o aluno levantasse, tentasse validar ou refutar suas hipóteses, demonstrando com isso que desenvolveu alguns elementos da sua personalidade e que o destacaria no meio do grupo.

Assim, o que observou foi uma valorização das competências cognitivas, visto que ela se confunde, muitas vezes com as informações a serem passadas pela escola por meio do livro didático, da aula expositiva do professor ou pelos filmes, documentários entre outros meios.

Cabe neste momento discutirmos um pouco sobre os três elementos que estão presentes na ação educacional e que em muitos momentos são considerados sinônimos: a informação, o conhecimento e o saber. O primeiro são as informações, o ato de informar consiste em repassar um conjunto de dados e elementos do dia a dia sem configurar uma aprendizagem.

No filme “Céu de Outubro”, de Lewis Colick (1999), nota-se a preocupação da professora de “Ciências” propiciar aos alunos a notícia de que o homem chegou à lua, mas percebe-se que esse era um dos papéis da escola naquele momento na sociedade. Esse fato é uma informação, visto que, para a maioria dos alunos não provocou a curiosidade de ver se era possível lançar um foguete e ainda se era possível viajar no espaço.

O segundo elemento é o conhecimento, ele está presente nas ações do sujeito e por isso é particular, vê-se isso nas práticas dos profissionais das diversas áreas. Ainda, no filme os quatro jovens que tiveram o interesse em buscar uma justificativa e como fazer com que um foguete viaje até o espaço, leve-os a realizarem tentativas e errar, desenvolvendo algumas hipóteses que foram refutadas ou validadas. Para os quatro jovens terem sucesso no evento de lançar um foguete, produziu, segundo Piaget, a mobilização de conhecimentos que tinham mas que não foram suficientes para que alcançassem o sucesso, dessa forma provocando um desequilíbrio que os conduziu a realizarem pesquisas e mais tentativas que serviram para alcançarem o equilíbrio ao lançarem o foguete. Para Pais (2002) o conhecimento está mais próximo do fenômeno da cognição, e está submetido aos vínculos pessoais do sujeito empenhado em compreender o saber.

Segundo Pais (2002), o conhecimento é um conjunto de imagens mentais e de informações, sobre as quais o sujeito busca o domínio, mas isso fica no plano intelectual, não sendo possível ser identificado com aspectos universais. O trabalho na busca do domínio sobre o conhecimento tem a meta de aproximar-se do saber, assim

[...] o desafio didático consiste em partir do conteúdo estabilizado no plano intelectual do sujeito e trabalhar para que essa dimensão particular alcance a generalidade prevista pelos paradigmas da área. [...] as situações didáticas que envolvem procedimentos práticos estão mais próximas do conhecimento do que do saber. (PAIS, 2002, p. 37)

Desse modo, o conhecimento tem relação com os procedimentos práticos utilizados pelo aprendente, o que leva a levantar hipóteses que servirão como ponto de partida para a investigação e assim definir estratégias que lhe possibilitarão mobilizar conhecimentos que lhe conduzirá a dominar as competências.

Por último, o saber está diretamente relacionado às ações de produção histórica da espécie humana, ainda, possui vínculo com as discussões sistematizadas academicamente nas diferentes áreas do conhecimento, pois, academia transforma o conhecimento em saber a partir do momento que um conjunto de pesquisadores valida e incorpora nas suas práticas científicas o novo conhecimento.

Dessa maneira, a “tradição” configura o caminho percorrido pelo conhecimento a partir da sua construção nas ações do sujeito até seu uso na esfera acadêmica como resultante da ação bem-sucedida da comunidade para solucionar um problema.

A definição de estruturas cognitivas, segundo Harré e Gillett (1994, apud, BANNEL *et al.*, 2016), ocorre no engajamento com os pares durante a execução de atividades práticas e comunicativas, como um conjunto de situações sociais nas quais a linguagem é ensinada e aprendida. Nesse sentido, passaremos a falar sobre esta constituição a partir da competência geral 4¹⁰⁷, presente na BNCC.

¹⁰⁷ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

3. A linguagem como competência das áreas do conhecimento

A partir dos primeiros documentos lançados pelos diferentes grupos sociais, contrários e a favor da base, os mesmos apontam que alguns aspectos do ensino não são efetivados durante as práticas escolares, o que é ratificado pelos testes da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico (OCDE). Nas provas do Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA) os jovens de 15 anos, sujeitos da avaliação, demonstram baixas competências em relação ao uso da linguagem como demonstração de estruturas cognitivas.

O PISA avalia os alunos em relação ao seu letramento nas três áreas que são objetos das provas (linguagem, matemática e ciências), e o letramento, segundo o INEP, inclui uma grande variedade de competências cognitivas, que envolvem a decodificação básica, o conhecimento das palavras, da gramática e das estruturas e características linguísticas e textuais mais abrangentes e o conhecimento de mundo. Estas habilidades são inerentes a todas as áreas do conhecimento, e por isso devem ser trabalhadas por todos os professores nas aulas, por meio de diferentes atividades.

Segundo o relatório do PISA, o desenvolvimento do letramento, como uma habilidade, não ocorre apenas na infância, mas é desenvolvido durante a vida, em diversos contextos em que interage com seus pares e com a comunidade em geral. Nesse sentido, Nussbaum (2001, apud Bannell, 2016, p. 43) alerta que as interações mobilizam emoções que vão contribuir ou dificultar a constituição das estruturas cognitivas, visto que a emoção é composta por alguns elementos:

- 1) Emoções são sobre alguma coisa. Elas têm um objeto.
- 2) O objeto é um objeto intencional, que é interpretado pela pessoa sentindo a emoção.
- 3) Nossa percepção do objeto envolve crenças sobre ele.
- 4) Nossas percepções do objeto e nossas crenças sobre ele veem o objeto como investido de valor. E esse valor faz referência à nossa concepção do como viver; o objeto de emoção é importante para a nossa vida.

Para o autor, a aprendizagem perpassa pela sensibilização do aprendente, haja vista que esses elementos cognitivos são partes da emoção e como partes da emoção, constituem pré-requisitos para a ação de ensino e de aprendizagem, ao possibilitar que o sujeito realize juízos avaliativos ge-

rais, avaliativos concretos, situacionais e pano de fundo.

O juízo avaliativo geral versa sobre o convívio social e a importância de cada um no conjunto social, enquanto o juízo avaliativo concreto versa sobre o que é importante para um viver bem. O juízo situacional, por sua vez, refere-se a juízos que realizamos em situações que produzem emoções intensas naquele momento, e há os juízos que resistem ao tempo e em diferentes situações.

O que esses juízos podem contribuir com o desenvolvimento da competência 4? Para essa reflexão, recorreremos ao relatório do PISA, em que

[...] a noção de que ler é um processo interativo: os leitores fundamentam-se em seus pensamentos e experiências ao envolver-se com o texto. [...] Uma vez que desenvolvem suas bases de conhecimentos, experiências e crenças, em geral de modo inconsciente, eles estão sempre testando o que leem ao fazer comparações com o conhecimento externo e, assim revisar e rever continuamente sua percepção do texto. (INEP, 2016, p. 93)

Dessa forma, as emoções exercem grande influência no processo de ensino, o que requer do sistema pensar práticas nas quais as emoções que surgem serão favoráveis para o processo de aprendizagem, visto que, segundo Pais (2002) o aprendiz pode estabelecer obstáculos que produzirão falso positivo em relação à aprendizagem. Ainda, pode conduzir o professor a gerar práticas que impactam negativamente o processo e forneça falsa informação sobre a aprendizagem do aluno.

Para auxiliar os sistemas educacionais a terem clareza de como realizar o trabalho com as competências o 'Movimento pela base' em parceria com o 'Center for Curriculum Redesign' desenvolveu o material 'Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC'. O documento apresenta o desmembramento das competências (o que; para que) delineando o que se espera que o discente faça no final do ciclo e, para isso informa qual o intuito de desenvolver as competências.

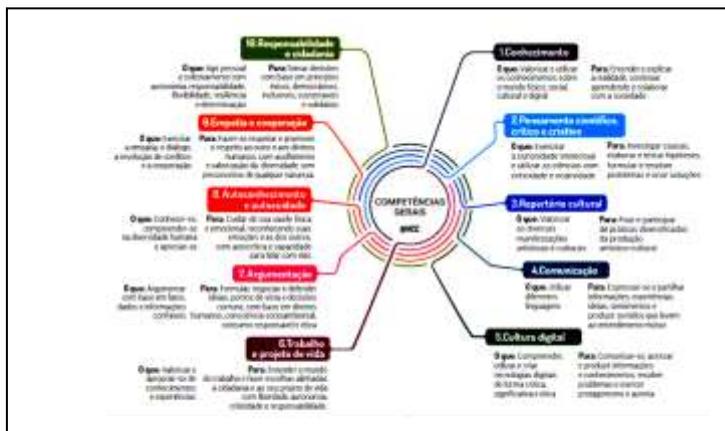


Figura 1 – Dimensões e subdimensões que compõem cada uma das 10 competências gerais da BNCC – Movimento pela Base Nacional Comum: Center for Curriculum.

Como pode ser observado no infográfico, cada competência pode ser identificada por uma palavra-chave e em todas podemos identificar o que deve ser aprendido, ou seja, o que deve contemplar o planejamento do professor quanto aos seus objetivos e para que deve ser aprendido, o que também deve aparecer no planejamento do professor como um objetivo, visto que o para que aprender trará para as aulas algumas metas a serem alcançadas com a aprendizagem.

Na próxima seção apresentaremos os elementos metodológicos que orientam a pesquisa e análise do objeto.

4. Caminho percorrido para a análise da competência 4 da BNCC

O presente estudo é de cunho qualitativo do tipo pesquisa documental. Conforme Gil (2008), a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam, ainda, um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Para Lakatos (1992) a pesquisa documental caracteriza-se pela fonte de dados ser restrita a documentos, escritos ou não, configurando-se como fontes primárias.

Para Gil (2002),

(...) a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (GIL, 2002, p. 45)

Para os dois autores (Lakatos, Gil) a pesquisa documental tem como material de pesquisa aqueles que ainda não receberam um tratamento ou que ainda podem ser reelaborados conforme os objetivos da pesquisa. Outro aspecto que coaduna é referente aos tipos de documentos, visto que Gil (2002) coloca:

Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. [...] De outro lado, há os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados. GIL, 2002, p. 46)

A proposta de analisar, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a competência 4 enquadra-se neste modelo de pesquisa, por se tratar, a BNCC de um documento novo (homologado em dezembro de 2017), público, publicado no Diário Oficial como Portaria normativa do Sistema Nacional de Educação, embasado na Resolução do Conselho Nacional de Educação e originário do Parecer elaborado na Câmara Superior de Ensino.

5. Competência 4 da Base Nacional Comum Curricular: análise

Neste trabalho os documentos analisados são: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Base Nacional Comum Curricular (BNCC-versão homologada) e Relatório Para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.

Analisar os PCN permite identificar as convergências e divergências entre este documento e a BNCC. Sabe-se que nos PCN já existiam referências às competências por meio dos objetivos a serem alcançados pelo Ensino Fundamental, e neste caso eram classificadas como: Conceitual, Procedimental e Atitudinal.

Dentre os objetivos encontramos o seguinte texto:

Utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (PCN, 1997, p. 9)

Vê-se que já na década de 1990, existia a preocupação de preparar o aluno para utilizar diferentes linguagens com o intuito de produzir textos, expressar e comunicar ideias, como forma de realizar comunicação. De acordo com Farias (2006), este objetivo vem para romper com práticas cristalizadas, isto é, mudar o foco da gramática como um fim, para ser um meio para o desenvolvimento das competências linguísticas.

Para Costa (1987) o ato de comunicar e a negociação do significado são características da aprendizagem, presentes em todas as áreas do conhecimento. A comunicação vem como forma de trabalhar elementos da argumentação, como meio para desenvolver o raciocínio, o respeito ao tempo do emissor e do interlocutor. Há as primeiras tentativas de mudar as práticas cristalizadas nas quais os alunos deixam de ter um papel passivo para ser sujeito ativo do processo de aprendizagem.

Esse objetivo geral dos PCN apresenta no seu bojo a competência domínio das diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal, as quais são elementos a serem trabalhados por todas as áreas do conhecimento, por meio dos conteúdos específicos de cada uma. O aluno precisa, ter a oportunidade de analisar e experienciar diferentes gêneros textuais, como forma de, segundo Nussbaum, trabalhar com suas emoções, despertando seu interesse sobre o objeto e a forma culta de se comunicar. Observando o objetivo, nota-se que não se restringe à Língua Portuguesa, mas a objetos a serem trabalhados na Matemática, como por exemplo a leitura, interpretação e compreensão dos dados presentes em tabelas e gráficos, com o intuito de analisar e tirar conclusões.

Na Geografia, a necessidade de compreender como proceder para localizar uma pessoa ou espaço no mapa, o que necessitará de conhecer normas de localização, pontos cardeais, direção, entre outros objetos. Na Arte precisa dominar sobre as técnicas de pinturas, representação teatral ou composição musical, elementos específicos dessa área do conhecimento e que guardam vários elementos da linguagem, necessários para comunicar-se na sociedade.

De acordo com este objetivo, apropriar-se destes objetos tem o intuito de produzir textos, nas diferentes áreas do conhecimento, expressando e comunicando suas ideias – competências procedimentais. Ainda, esse objetivo informa que o aluno precisa desenvolver estas competências cognitivas e procedimentais para ter uma atitude de respeito às produções culturais, usufruindo e atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação,

ou seja, respeitar e valorizar as culturas locais, regionais e nacionais, demonstrando por meio dos objetos de conhecimento a percepção de valores e apropriando dos valores que possibilitam a continuidade da cultura local.

As dez competências estão para orientar como o sistema educacional irá trabalhar os objetos de conhecimento visando formar o cidadão integral e, vale ressaltar que não há a defesa de que a formação integral ocorre somente se o tempo escolar for integral. Formar o cidadão integralmente passa pelo trabalho com elementos cognitivos e socioemocionais.

As competências socioemocionais possibilitam que o aprendente crie seus projetos de vida, se autoconheça e autocuide-se, desenvolva a empatia e cooperação, desenvolva a responsabilidade e cidadania e desenvolva a argumentação. São competências que olham o singular vinculado ao global e vice-versa, com foco em perceber que o singular guarda características do global e ao mesmo tempo o global é formado pelo singular de cada um dos elementos da comunidade.

As competências cognitivas guardam características das especificidades das áreas de conhecimento, assim elas se destacam aos olhos dos professores quando da leitura, por serem às que estão representadas nos livros didáticos, por exemplo, e estão diretamente ligadas as práticas hoje efetivadas nas salas de aula.

Dentre as competências temos a competência 4, a qual tem por palavra-chave ‘comunicação’; para entendermos o que está implícito na competência sugerimos ler o que consta da tabela 1, a fim de compreendermos o que se refere à comunicação na utilização de diferentes linguagens.

Tabela 1- Competência Geral 4 – BNCC

<i>COMPETÊNCIA</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Subdimensões</i>	
<i>4 - Comunicação</i> <i>O que:</i> <i>Utilizar diferentes linguagens</i>	Comunicação	Escuta	Compreensão e processamento do que é dito por outras pessoas com atenção, interesse, abertura, ponderação e respeito.

<i>Para: Expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levam ao entendimento mútuo.</i>	Expressão	Expressão de ideias, opiniões, emoções e sentimentos com clareza. Compartilhamento de informações e experiências com diferentes interlocutores. Domínio de aspectos retóricos da comunicação verbal com garantia de compreensão do receptor.
	Discussão	Expressão de ideias originais com clareza, conectando-as com as ideias de seus interlocutores e promovendo o entendimento mútuo. Utilização de perguntas/resumos e análise de argumentos e evidências para preservar o foco do debate.
	Multiletramento	Comunicação por meio de plataformas multimídia analógicas e digitais, áudio, textos, imagens, gráficos e linguagens verbais, artísticas, científicas, matemáticas, cartográficas, corporais e multimodais de forma adequada.

Fonte 1 – Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC - Movimento Pela Base e Center for Curriculum Redesign/2018

Na sociedade de transformações rápidas, exige-se um cidadão capaz de interagir com os outros e com os meios para estar em contínua aprendizagem.

A contínua aprendizagem pode ser entendida, de acordo com Delors et al (2010), como uma educação permanente em que a escola incrementa cada vez mais, o gosto e a fluência pelo ato de aprender, que significa despertar a capacidade de aprender a aprender, a curiosidade intelectual. Desse modo, as diferentes linguagens existentes contribuirão para o domínio de

reduzido número de assuntos, mas permitirá conciliar uma cultura geral dentro da possibilidade de estudar.

É necessário o uso da linguagem para comunicar por meio de plataformas multimídia analógica e digitais, áudio, textos, imagens, gráficos, tendo por base as linguagens verbais, artísticas, científicas, matemáticas, cartográficas, corporais e multimodais, adequadamente (CCR *et al.*, 2018, p. 30).

As formas de comunicação listadas pelo Center Curriculum Redesign-CCR e transcritas no parágrafo anterior explicitam elementos da estrutura cognitiva, proposta por Harré e Gillet (1994, Bannell et al, 2016, p. 48) visto que o professor deverá propor atividades práticas nas quais os aprendentes possam vivenciar a experiência de lidar com cada uma das plataformas e, para isso, o professor trabalhará com as diferenças existentes nas linguagens presentes em cada plataforma. O ensinar perpassa por despertar as emoções e o prazer em aprender as diferentes linguagens de comunicação.

Contudo, o professor deve estar ciente de que mesmo com seus esforços, a linguagem ensinada não será totalmente aprendida, assim são importantes as atividades comunicativas ao possibilitar a execução do que foi aprendido e ao mesmo tempo fornecer parâmetros para o professor do que ainda não foi dominado pelos aprendentes.

A pergunta que surge é - qual deve ser a característica das atividades comunicativas para possibilitar o desenvolvimento dessa ‘habilidade’, a comunicação por meio do multiletramento? O CCR em seu documento ‘Dimensões e desenvolvimento das competências gerais da BNCC’ sinaliza algumas características das atividades, dentre elas podemos apontar:

- Atividades em que o aprendente recorra a propostas comunicativas em que os recursos sejam textos, gestos, expressões artísticas ou ilustrações, para turmas de 3º ano.
- O uso de todos os recursos anteriormente apontados, mas agora associados a plataformas diversas (vídeos, quadros, fanzines, blogs), para turmas até o 6º ano.
- Até o 9º ano o aprendente poderá utilizar as plataformas multimodais analógicas e digitais, por meio do uso de áudio, textos, imagens, gráficos e linguagens artísticas, científicas, matemáticas, corporais, cartográficas da forma adequada.

Nota-se que para chegar a este estágio o processo de aprendizagem exigirá o desenvolvimento de estruturas cognitivas que permitirão ao aprendente a ouvir e responder a outros durante conversas, apresentações e leituras, respeitando os emissores e sendo interlocutor ativo. Ser ativo no processo lhe possibilitará compartilhar ideias, opiniões, emoções e sentimentos com clarezas (Nussbaum, 2001), conseguindo dessa forma apresentar ideias originais e elaborar perguntas que contribuam com o coletivo, para o desenvolvimento de novas estruturas cognitivas, demonstrando ter ‘desenvolvido’ a autonomia e o discernimento acompanhado pela responsabilidade pessoal na realização de um destino coletivo (Delors *et al.*, 2010).

Dessa maneira, percebemos que a competência comunicação perpassa por vários aspectos da formação do cidadão e que deve ser considerada por todas as áreas do conhecimento.

6. Considerações Finais

Este artigo teve sua gênese na intenção de compreender as interrelações das competências cognitivas com as competências socioemocionais, preconizadas pela BNCC nas 10 competências gerais a serem trabalhadas por todas as áreas do conhecimento. Nesse sentido, elegemos como objetivo analisar o uso da linguagem como competência a ser desenvolvida em todas as áreas do conhecimento, presentes na BNCC.

Para analisarmos recorreremos as ideias de Nussbaum (2001, Bannell *et al.*, 2016), em que as estruturas cognitivas serão mobilizadas se as atividades, objeto da aprendizagem, mexer com as emoções do aprendente, levando-o a criar percepções do objeto, o que despertará suas crenças para atribuir valores ao objeto de aprendizagem.

Observando o documento preparado pelo CCR (2018) percebe-se que em muitos momentos as atividades deverão valorizar as emoções, visto que o aprendente deverá ouvir e expressar suas ideias com clareza e coerência para contribuir com o coletivo e, isso exigirá que ele tenha segurança e confiança em si.

A confiança vai surgir com a experiência de realizar atividades comunicativas em que utiliza das diferentes linguagens (verbal, corporal, ar-

tística, matemática, cartográfica, entre outras), mas para utilizar, os professores precisam ensinar as linguagens por meio de atividades práticas, partindo da premissa de que o aprendente tem condições de desenvolver suas estruturas para dominá-las.

Nesse percurso, Pais (2002) faz um alerta para termos o cuidado de não confundirmos a comunicação de informações com o objeto da escola que seria aproximar os conhecimentos dos alunos dos saberes ‘clássicos’ construídos pela humanidade, para explicar os fenômenos, culturas e ações do homem e do ambiente ao qual pertence.

A ação comunicativa tem no bojo habilidades como escutar o outro, expressar suas ideias e opiniões, debater suas ideias e utilizar das diferentes linguagens para interagir com o outro. A habilidade escutar o outro prestando atenção no que lhe é comunicado, mas não é um prestar atenção por educação, respeito e sim por interesse de aprender com as ideias do outro, respeitando suas posições.

Desenvolver a habilidade de expressar suas ideias e opiniões requer utilizar-se de retóricas da comunicação verbal de forma a garantir que seja compreendido pelos receptores, assim compartilhando suas informações e experiências com diferentes interlocutores. Dessa maneira, o aprendente poderá ampliar seus domínios e aprimorar suas estruturas cognitivas, ao confrontar pontos de vista diferentes e concepções diferentes, amadurecendo suas estruturas cognitivas.

O compartilhamento de ideias e opiniões levarão o emissor a debates que exigirão demonstrar argumentações e evidências que subsidiam suas ideias. Para conseguirmos isso no percurso escolar Harré e Gillet (1994, Bannell *et al.*, 2016) sugere o trabalho com várias atividades práticas de comunicação em todas as áreas de conhecimento e não somente em uma ou outra, como podemos observar na competência 4.

E por último, com as inovações tecnológicas exige-se um sujeito que consiga lidar com diferentes plataformas multimídias e, para tanto, deverá demonstrar ser ‘multiletrado’, o que significa saber utilizar as linguagens verbais, artísticas, científicas, matemáticas, cartográficas, corporais e multimodais de forma adequada.

Não pretendemos esgotar neste artigo essa discussão, visto que é longa e exige muitos estudos ainda. Contudo, pretendemos iniciar um caminho a ser percorrido que possibilite desvelar caminhos que levem a con-

duzir a construção de estruturas cognitivas e que revertam em novas aprendizagens e um mundo melhor por ser constituído de pessoas capazes de compreender o seu dia a dia e de expressar suas opiniões.

Portanto, abrimos uma porta para novas opções de metodologias e práticas que irão modificando e inserindo o aprendente na sociedade que a todo momento surge inovações que irão exigir ter a habilidade de aprender a aprender continuamente, visando a uma educação permanente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANNELL, R. I. *et al.* *Educação no Século XXI: Cognição, Tecnologias e Aprendizagens*. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: PUC, 2016.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

_____. *Ministério da Educação*. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular, 2017.

COSTA, D. N. M. *Por que ensinar língua estrangeira na escola de 1º grau*. São Paulo: EPU, EDUC, 1987

DELORS, J. *et al.* *Educação: um tesouro a descobrir*. In: *Relatório para a UNIESCXO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília, julho. 2010. UNESCO.

FARIA, Pablo Picasso Feliciano de. *Os PCN e a aula de português*. 2006.

Gil, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INEP, MEC. *Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros/OCDE-Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

LAKATOS, E. M. *Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 4. ed. São Paulo, Atlas. 1992.

Movimento pela Base Nacional Comum, Center for Curriculum Redesign. *Dimensões e Desenvolvimento da Competências Gerais da BNCC*. Abril, 2018. Acessado em: 06/10/2018. <http://movimentopelabase.org.br/referen>

cias/dimensoes-e-desenvolvimen to-das-competencias-gerais-da-bncc/

NACIONAIS, Parâmetros Curriculares. Secretaria de Educação Fundamental. In: *Brasília*: MEC/SEF, v. 1998, p. 2000, 1997.

NO ESPAÇO, Uma Odisséia. Direção de Stanley Kubrick. Estados Unidos/Reino Unido, 1968. 1 DVD (141 min), color, son. 2001.

OUTUBRO, O Céu. Direção de Joe Johnston. Estados Unidos, 1999. 1 DVD (114 min), color, son.

Pais. L. C. *Didática da Matemática*: influência da didática francesa. Belo Horizonte, MG: Autêntica. 2002.